

TRISTE FIM DE UMA MENINA NEGRA: CLARA DOS ANJOS E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

Data de aceite: 01/12/2023

Hilma Ribeiro

Professora associada do Departamento de Línguas e Literaturas e coordenadora do projeto de extensão “Rodas de leitura Lélia Gonzalez”

Hilton Meliande

Professor adjunto do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia e coordenador do projeto de extensão “A história dos povos originários no Brasil e o ensino de História”

Suellem Barbosa

Professora associada do Departamento de Ciências da Natureza e coordenadora do projeto de extensão “Produção de materiais inteligentes para o ensino de Química”

sobretudo, tentava parar maldades feitas na casa grande. E, no nosso atual contexto de luta pelo reconhecimento intelectual, social, cultural e, sobretudo, humano de mulheres que como nós, ocupa parcela significativa da população.

Ao expor a questão de gênero em “Clara dos Anjos” (Barreto,) retrata o viés sexista e classista vivido no contexto da periferia do Rio de Janeiro, no início do século passado, mostrando o tipo de julgamento dos corpos femininos, dos perigos aos quais a população carioca periférica e da falta de conhecimento sobre as questões de classe no contexto familiar, que, por falarem de tais temática, atualíssimas, são extremamente bem vindas no contexto escolar. É nesse sentido que a leitura das diferentes camadas desse romance, que perpassa pelas questões já mensuradas e que, também, se relacionam com a própria materialidade do texto em si trazemos a análise de algumas sequências narrativas, bem como de propostas de sua leitura, em sala de aula.

INTRODUÇÃO

Afloram, tanto no passado, quanto na atualidade o valor da mulher negra, que, ao vigiar a casa grande, cuidava da senzala, a exemplo de Esméria, que, no romance “Um defeito de cor” (Gonçalves, 2011) não apenas cuida dos escravizados da plantação/da caça de baleias, mas,

Assim, no sentido de oferecer uma reflexão sobre o ensino gramatical e sobre o desenvolvimento da leitura, no presente capítulo fazemos uma análise dois sintagmas de referência a Clara dos Anjos, que, ao final trágico do romance se vê como “apenas uma mulatinha, filha de um carteiro”, coisa que seu algoz, Cassi Jones e sua mãe, Salustiana, já sabiam desde sempre.

Para isso, recorreremos a estudos gramaticais, literários e sociais na intenção de fornecer uma proposta para a leitura que relacione ensino de língua e ensino de literatura, à luz de um contexto específico: a questão feminina e sexista explorada por Lima Barreto em Clara dos Anjos.

ABORDAGENS TEÓRICAS INTERDISCIPLINARES: LÍNGUA E LITERATURA

A mediação entre os sujeitos apenas é possível pela linguagem (BAKHTIN, 1997), isso porque as trocas comunicativas, nos diferentes contextos, espaços e tempos tornam a linguagem o mecanismo que media todas as instâncias da comunicação. Dada complexidade sócio-histórica pressuposta pelas atividades humanas, os sujeitos se tornam ancorados aos contextos dessas atividades. Quando lemos um romance do século XIX, caso de Machado de Assis ou do início do século XX, caso de Lima Barreto, em Clara dos Anjos, somos inseridos naqueles contextos, e isso nos faz refletir sobre a temática abordada nas obras.

Nesse sentido, os gêneros textuais surgem como ferramentas que moldam os comportamentos (SCHNEUWLY, 1994) e, ao mesmo tempo, esses gêneros configuram-se a partir das necessidades de aplicação aos usos da linguagem. “Os Parâmetros Curriculares Nacionais” destacam o papel da escola como difusora das habilidades de leitura dos diferentes gêneros para o desenvolvimento de metodologias de ensino que possam desenvolver as habilidades dos sujeitos e, de modo a tornar os alunos capazes de dominar os mecanismos da comunicação entre os pares. Esse papel da escola torna-se mais relevante se se pretende dimensionar a linguagem como ferramenta que permite o acesso ao pensamento, ao empoderamento pela palavra e ao questionamento da luta racial/social de parcelas da população que não são contempladas por políticas públicas, caso dos sujeitos habitantes do subúrbio do Rio de Janeiro, a exemplo dos personagens do romance “Clara dos Anjos”.

Lima Barreto, nesse romance, mostra indivíduos preteridos pela Literatura de autores como José de Alencar, com seu projeto de nacionalismo ou mesmo Machado de Assis, que, embora negro e pobre, opta por um projeto de escrita mais adequado à realidade burguesa da capital fluminense. A elite, que pretere os indivíduos subalternizados, os torna impossibilitados de ter sua vida e sua voz acolhidas, e, ao optar por uma prática de ensino pautada nessas obras que vislumbram temas “subalternizados” ainda pelo núcleo “duro” do que se constitui como identidade nacional, a análise linguística/discursiva a partir de Lima

Barreto é uma forma de engajamento, tendo em vista o papel da escola como fomentadora da reflexão das realidades dos sujeitos.

Defendo que o contraponto material da intencionalidade da Literatura, por meio dos seus textos, mostra-se algo importante para o entendimento dos discursos subjacentes a essa materialidade textual (KOCH; TRAVAGLIA, 1989). O texto literário, como pressuposto do engajamento contra as opressões sociais, especialmente, constitui meio para aquisição de saberes e conhecimentos sócio-históricos caros, portanto, ao público da Educação Básica – potenciais cidadãos –. Nesse sentido, a Literatura tem sido uma forma de engajamento também contra outros tipos de opressão, tais como as dimensionadas em obras de Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Aluísio de Azevedo, nomes de literaturas já canonizadas e, mais recentemente, Ailton Krenak, David Kopenawa, Itamar Vieira Jr. e Jefferson Tenório, podem também entrar na lista de autores que trabalham temáticas relacionadas a identidades brasileiras ainda “desconhecidas”. Todos esses autores contemplam perspectivas importantes para a reflexão sobre a sociedade e que podem ser ferramentas para a reflexão sobre a linguagem e os seus mecanismos. “...Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades.” (JESUS, 2014, p. 60-61). A citação do trecho de Carolina de Jesus mostra a pertinência das associações possíveis sobre o contraponto gramatical às intenções presentes em sua literatura: o sintagma “castelo de ouro”, jamais alcançado por Carolina, que morreu pobre e esquecida do ambiente literário brasileiro, “as luzes brilhantes”, apagadas pelo projeto burguês de produção e publicação literárias são exemplos de componentes materiais que estão contidos na composição textual e que podem ser exploradas na leitura dessa obra. Assumo que, em especial, a bandeira levantada por autoras negras por si só, acolhe um viés de engajamento contra as opressões de gênero e de classe, que instigam olhares para além da cultura branca e patriarcal e que desperta muito do interesse do público adolescente, em especial – meus alunos e minhas alunas do Cap-UERJ amam a abordagem dessas literaturas –.

Para além de contemplar a grade curricular em si, o cotejo entre gramática e literaturas com esse viés possibilita a emergência de um currículo combativo ao racismo estrutural, a leitura de autores que refletem sobre o triste legado da escravidão como na obra “Clara dos Anjos” assegura a interdisciplinaridade e o cotejo entre áreas humanas. Jessé Souza, em “A Elite do atraso” dimensiona o impacto do legado da escravidão, o que insere nas aulas, a reboque, uma intersecção de gramática e literatura para a criação da reflexão da questão de classe.

As classes excluídas em países de passado escravocrata tão presente como o nosso, mesmo que existam minorias de todas as cores entre elas, são uma forma de continuar a escravidão e seus padrões de ataque covarde contra populações indefesas, fragilizadas e superexploradas. (SOUSA, 2017, p.50).

A pauta da perversidade que abate às classes populares, se é importante no entendimento do triste legado escravocrata, torna-se ainda mais relevante quando se reflete sobre a linguagem, sobretudo em um texto tão cheio de “sentidos de classe/raciais” como é “Clara dos Anjos”. A exemplo dessa reflexão, a conhecida escritora Djamilia Ribeiro afirma que a crítica do lugar social a partir da linguagem constitui “[...]estar sempre atento às nossas próprias atitudes e disposto a enxergar privilégios. [...] Significa entender que a linguagem também é carregada de valores sociais, e que por isso é preciso utilizá-la de maneira crítica” (2019, p. 39), temática anteriormente defendida e aprofundada por Lélia Gonzalez¹.

Nesse sentido, tendo em vista uma intersecção dos componentes de Língua e de Literatura nas grades curriculares dos anos de escolaridade, acolho o foco de uma leitura reflexiva dos problemas raciais que acolhe dimensão de uma necessidade que extrapola o contexto da sala de aula. A partir do enfoque da Literatura de autores como Lima Barreto, que, no início do século XX nos transporta para o passado “apagado” pelo cânone identitário e pela realidade “invisibilizada” pela cultura de classe, se torna importante para o entendimento das origens coloniais que se perpetuam até os dias atuais.

Por extensão ao estudo textual do sintagma nominal, temos em Perini (2019) o estudo dos valores semânticos dos SNs, que podem funcionar nos seus diferentes efeitos de sentido. Como recorte para o presente capítulo, seleciono três fragmentos que justificam a importância da análise dos sentidos para além do linguístico, com forma de configuração de um *racismo à brasileira* sabidamente estudado por intelectuais como Abdias Nascimento, ao denunciar o *lusotropicalismo* de Gilberto Freyre (NASCIMENTO, 2016, p. 49).

Para nós, professores do Ensino Básico, o conjunto de possibilidades de análise dos SNs, componente oracional em diferentes funções está, portanto, ancorado em vários campos de estudo, e tais campos de estudos, que estão para além de uma visão descritiva da gramática; que irão configurar nosso tipo de racismo que é, ainda, negado, escondido e oculto das nossas bases sociais. Tendo em vista os princípios até aqui apresentados, trago alguns excertos para mostragem de efeitos de sentido pretendidos a partir do romance.

CONSTRUCTO METODOLÓGICO

Este artigo está pautado em questões de classe, de raça e de gênero, cujas intenções emergem dos usos linguísticos. Constrói-se a partir de uma pedagogia reflexiva para a resolução do problema histórico da escravidão e é reflexo de minhas práticas de ensino.

Escolher o romance Clara dos Anjos para o trabalho de leitura em minhas práticas de ensino foi algo significativo, não apenas por ser o último romance escrito por Lima Barreto, o que mostra o peso da obra para os valores humanos do autor, à época, internado

¹ No momento de escrita deste texto, recorri ao “Pequeno manual antirracista” (Ribeiro, 2019) leitura que fazia com meus alunos do primeiro ano do Ensino Médio, mas, diante mão, deixo clara a superioridade social e filosófica de Lélia Gonzalez (2022), também lido, na feitura desse artigo.

no Hospício Nacional,² mas pelo contexto de uso: foi uma leitura efetivada com estudantes durante o ano de 2020, primeiro ano do ensino remoto, durante a pandemia, quando não fazia sentido pautar as aulas em componentes curriculares no sentido amplo do conceito.

Fazer leituras semanais, de 50 minutos com os alunos, seguidos de tarefas de escrita que exigiam a interpretação dos fenômenos linguísticos à luz da pauta social, tornou o trabalho muito profícuo. Meu processo de leitura em sala de aula permite a alocação dos alunos em roda/com cangas ao chão ou mesmo em grupos com os exemplares de livros ou apostilas com textos em mãos. Porém, durante a leitura na pandemia, não foi possível essa organização, mas, a mostragem dos fragmentos e o uso da ferramenta digital da nossa plataforma colaborou muito para evidenciar a importância dos fenômenos linguísticos que dão luz aos sentidos/intenções possíveis a partir do texto.

Sublinhar, usar cores, mostrar como as palavras, frases, conectores causam impactos para as reflexões sobre os efeitos de sentido de relevância social em Clara dos Anjos e, com isso, a análise do objeto de estudo desse artigo, foi bastante facilitado nas aulas virtuais. O que trago, em seguida é, portanto, uma seleção de quatro fragmentos que foram importantes nas aulas ministradas no ambiente virtual, cujos sintagmas nominais constituem pontes para uma reflexão de leituras que podem ser feitas em aulas de Língua Portuguesa que tratem da leitura a partir de uma gramática contextualizada.

ABORDAGEM ANALÍTICA

Trago para análise o fragmento final do romance, quando Clara, expulsa da casa da família de Salustiana e Cassi, se depara com sua condição: uma mulatinha, filha de um carteiro; e de outras três sequências que vislumbram o papel de reflexão social pretendido pela obra barretiana.

Fragmento 1:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado!...

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres[...]

Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O

2 O Hospício Nacional, situado no bairro da Urca, RJ, é prédio tombado pelo IPHAN por seu valor histórico e, cuja presença negra de Juliano Moreira, citado por Lima Barreto com muito afeto em “Diário de hospício” (Barreto, data) condiciona ao romance a ambientação humana potente para a escrita de Clara dos Anjos, que foi escolhida para ser terminada no lugar de Cemitério dos vivos (Barreto, data).

que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam[...]

Chegaram em casa; Joaquim ainda não tinha vindo. Dona Margarida relatou a entrevista, por entre o choro e os soluços da filha e da mãe.

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

— Mamãe! Mamãe!

— Que é minha filha?

— Nós não somos nada nesta vida. (BARRETO, 2003, p.152).

Neste fragmento temos o desfecho do romance, que ocorre com a completa rejeição de Clara, grávida de Cassi Jones e sua expulsão, sendo ela, mais uma das vítimas sexuais do personagem. Veja que o corpo feminino é produto da exposição e da exploração para fins sexuais, como denunciado por Nascimento (2016, p. 73-77). A partir desse momento, a tomada de consciência de Clara ocorre com a mesma velocidade em que ela é enxotada de lá. Quando Clara dos Anjos se dá por ciente, percebe quem era ela e qual era a como efeito da sua situação na sociedade. O conteúdo semântico do sintagma relaciona-se à força discursiva da ação da exclusão da humanidade da mulher negra, vista, puramente, como marginal à sociedade. Note que a percepção de Clara dos Anjos da sua condição social é marcada pela declaração do narrador, onisciente, que nos mostra, a partir da escolha do SN (sintagma nominal) *noção exata de sua situação*. É importante ressaltar que esse SN, dentro do estudo da coesão textual pode ser cotejado com a análise dos seus determinativos complementares a esses núcleos. Nesses termos, temos, portanto, a inserção do indivíduo – mulher, negra e pobre – dentro de um todo *em+a* sociedade. Logo, as escolhas, no plano paradigmático materializam o encaminhamento, dentro do campo semântico da exclusão social da mulher negra, explorada sexualmente e com filho sem um pai assumido, que a inclui no total de apartamento social de sua dignidade, já que o uso de seu corpo é apenas para o desfrute sexual. Nessa perspectiva, essa compreensão é uma excelente forma de aferir compreensões do uso gramatical “para além” de uma pedagogia que se proponha à metalinguagem, especialmente dado estado social que envolve o enredo, que culmina com a *expulsão* da menina da casa de seu “namorado”.

Após essa constatação da personagem, a escolha do sintagma *a noção exata da sua situação na sociedade* dimensiona várias atribuições, todas contempladas por escolhas dentro do nível lexical, para essa compreensão do seu estado de abandono. Nesse caso, a sua situação de abandono de Clara, dentro da sociedade, é antecipada no romance, por sintagmas como “uma mulatinha” e “filha de um carteiro”. Esses sintagmas nominais são usados para descrever o status da personagem, ao mesmo tempo em que uma sequência

de fatos é narrada com a mesma velocidade do pensamento da personagem: o encontro com o pai, a mãe e as irmãs de Cassi, fugitivo e pai de seu filho bastardo é incrementado por componentes dramáticos: o desespero do pai, envergonhado pela atitude do filho, a reação de Salustiana, mãe de Cassi, e, por fim, sua expulsão da casa.

Quando Clara, dentro do Bonde cheio, se percebe como uma mulatinha e filha de um carteiro, tendo como foco o ensino com associações de Literatura e do conteúdo linguístico, temos nesses dois sintagmas várias possibilidades de encaminhamentos de leitura, aproveitando melhor o escopo morfológico. Clara vivencia o seu status social. Ser uma menina negra e, ainda por cima, pobre, filha de um trabalhador simples são condições que criam mais interfaces sensitivas vivenciadas pela menina. Essas leituras, a partir da seleção dos sintagmas e dos seus constituintes constituem face material que devem ser estimuladas durante a leitura, nas aulas de língua/literatura. É importante ressaltar que, em uma aula sobre construções possíveis que correlacionem os multissistemas da gramática, que o reforço semântico das formas linguísticas destacadas é equiparado ao enquadre do propósito discursivo de Lima Barreto. Veja também alguns outros fragmentos, que dão ao leitor “lampejos” da intencionalidade temática do romance antes de seu desfecho/ constatação da corrupção e menosprezo social da mulher negra.

Fragmento 2:

Dona Margarida e o padrinho eram os que mais mal falavam dele: que era um devasso, um malvado, um desencaminhador de donzelas e senhoras casadas. Como ele poderia ser tanta coisa ruim, se frequentava casas de doutores, de coronéis, de políticos? Naturalmente havia nisso muita inveja dos méritos do rapaz, em que ela não via senão delicadeza e modéstia e, também, os suspiros e os dengues de violeiro consumado.

Uma dúvida lhe veio; ele era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? (BARRETO, 2003, p. 63).

Nesse exemplo, ocorre o momento em que Clara dos Anjos ouve a conversa dos seus padrinhos e não se convence do problema racial envolvido no seu romance com Cassi Jones. Para mostrar o descrédito das falas dos personagens Marramaque e Margarida, sobre Cassi, no texto, o narrador nos leva à introspecção de Clara dos Anjos que não acha que o namorado seria *tanta coisa ruim*, entendendo que ela o vê de outra forma: a personagem, uma menina de 17 anos e sem qualquer instrução sobre a vida está em estado de total cegueira passional, a reflexão escrita sobre o uso desse sintagma é uma possibilidade importante do trabalho com a língua que fuja da metalinguagem. A vulnerabilidade social de uma menina negra e pobre constituem fatores sociais materializados no texto que podem culminar com propostas de análise, tanto do fator social, quanto do fator gramatical, dado interesse dos estudantes na militância dessas causas. O uso de temáticas para produção de texto, o elencamento de exemplos comparativos para a leitura desses sintagmas, a explicação da pertinência dos recursos de coesão à luz da produção literária do autor, constituem algumas das possibilidades de exercícios que contemplam tanto a gramática quanto a literatura numa metodologia interdisciplinar.

Por outro lado, tendo em vista as etapas do enredo de Clara dos Anjos, ainda que sem uma educação sexual e real noção de classe, a personagem esboça alguns “lampejos” dessa consciência. Dada a importância da materialidade gramatical, justifica-se a temática central do romance, que se propõe a problematizar o relacionamento entre pessoas a partir do componente racial. No fragmento em seguida, o texto nos expõe a lucidez de Marramaque, o grande conhecedor dos reais motivos para aproximação de Cassi e dos usos narrativos presentes no excerto escolhido.

Fragmento 3:

— Pois, então, você, compadre, quer meter semelhante pústula dentro de sua casa? Você não sabe quem é este Cassi? Se o pai não quer saber dele, é porque boa coisa ele não é. Ele não só desonra a família dos outros, como envergonha a própria. As irmãs, que são moças distintas, já podiam estar bem casadas; mas ninguém quer ser cunhado de Cassi. Ele se diz sempre correspondido, que se quer casar, etc., para dar o bote. Quando fica satisfeito, escorrega pelas malhas da justiça e da polícia, e ri-se das pobrezinhas que atirou à desgraça. Você não vê que, se ele se quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro? Sou teu amigo, Joaquim... (BARRETO, 2003, p. 115).

Aqui, nesse exemplo, a visão de Marramaque que contrasta com a de Clara, por sua falta de noção de raça e de classe, reflete uma maior maturidade social; tanto ele quanto a personagem Margarida possuem uma visão do papel do negro na nossa pirâmide social, reflexo do racismo estrutural. O fato de o padrinho tentar alertar o pai de Clara como *semelhante pústula* possui força referencial/semântica nessa constatação: um indivíduo jamais deveria ser considerado em seu caráter por sua cor, tendo em vista o lugar social do próprio autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima Barreto constrói um enredo simples: dois jovens namorados que têm incompatibilidades e desejos desconexos em relação ao entendimento da relação amorosa. Entretanto, o contexto marginal da trama torna a leitura do racismo à brasileira algo a ser analisado no contraponto dos usos linguísticos que dão clareza ao grande tema do romance: a marginalização do corpo negro e suas consequências para a mulher mãe solteira.

O enfoque social desse romance tem, portanto, total diagnóstico da nossa sociedade, que tem no racismo estrutural uma faceta muito perversa. O uso do corpo negro feminino com objeto de fetiche e exploração sexual é, desde o pós-abolição, retratado pela Literatura de Lima Barreto nesse romance, cuja histórica reflete a disparidade quanto às possibilidades de uma negra suburbana na efervescência do crescimento dos bairros inaugurados pela linha férrea, como retratado em *Clara dos Anjos*.

A clareza dos papéis do negro/da negra na sociedade ocorre apenas quando a personagem se dá conta do seu precário *status* social, e do grande erro que fora não acreditar no seu padrinho Marramaque ou em dona Margarida. O romance se propõe a

configurar o tipo de sociedade em que se encontra a mulher negra, que pressupõe o fato de se ter ciência da sua real condição étnica/de classe como elemento basilar na defesa contra predadores sexuais como Cassi Jones. A partir da percepção da personagem de que a sua situação, tanto quanto às condições de gênero, quanto às de raça e às de classe constam no texto por meio de mecanismos linguísticos, como o dos sintagmas nominais aqui elencados. Termino este artigo afirmando que um estudo de caráter interdisciplinar e que perfaça cadeias de sentido intencionais é uma proposta para as aulas de língua e literatura. Sem ambicionar outro desejo, que não seja o de contribuir com a prática docente que possuo, procurei dar uma mostragem das possibilidades de leitura/fomentação de reflexões possíveis para o texto literário, como materialidade de propósitos e intencionalidades materializadas na superfície textual.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BRAZ, Júlio Emílio. Pretinha, eu. **São Paulo: Scipione**, 1997.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-212.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATTO, N. H. S. (Org.). *Introdução à psicologia escolar*. 3 ed. rev. atual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 61-78.

GERALDI, João Wanderley et. al. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Editora Record, 2006.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

JESUS, Maria Carolina de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

RIBEIRO, Djamilá. *Pequeno manual antirracista*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SALABERG, Jhonny. *Buraquinhos, ou O vento é inimigo do picumã*. Cobogó Editora, Rio de Janeiro, 2018.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Lisboa: Leya, 2017.